

**Feliz**  
**aniversário,**  
*Clarice*

Contos inspirados em *Laços de família*

*Perguntei uma vez ao Hélio: você, que é analista e me conhece, diga – sem nenhum elogio – quem sou eu, já que você me disse quem é você, pois preciso conhecer o homem e a mulher. Respondeu-me: você é uma dramática vocação de integridade e totalidade. Você busca, apaixonadamente, o seu self – centro nuclear de confluência e de irradiação de força – e esta tarefa a consome e faz sofrer. Você procura casar, dentro de você, luz e sombra, dia e noite, Sol e Lua. Quando conseguir – e este é trabalho de uma vida – descobrirá em você o masculino e o feminino, o côncavo e o convexo, o verso e o anverso, o tempo e a eternidade, o finito e a infinitude, o yang e o yin, na harmonia do tao – totalidade. Você então conhecerá homem e mulher – eu e você: nós.*

“Um homem chamado Hélio Pellegrino”, crônica de Clarice Lispector, de 4 de setembro de 1971, em *Todas as crônicas*



Apresentação

## Laços de Clarice

*Hugo Almeida*

*Não escrevi antes sobre seu livro de contos [Laços de família] por puro embaraço de lhe dizer o que eu penso dele. Aqui vai: é a mais importante coletânea de contos publicada neste país desde Machado de Assis.*

Erico Verissimo em carta a Clarice, em 3 de setembro de 1961

Numa passagem de “O alienista”, de *Papéis avulsos*, de Machado de Assis, Simão Bacamarte deixa dona Evarista deslumbrada com o que vê no livro das contas do médico apresentado por seu escriturário. “Era uma Via Láctea de algarismos”, na expressão do narrador machadiano sobre a fortuna do casal. Nos livros de Clarice Lispector também existem galáxias deslumbrantes, mas de outra natureza. Na sua Via Láctea de contos, a constelação mais brilhante e harmoniosa tem 13 estrelas e chama-se *Laços de família*, de 1960.

Agora em 2020, data do centenário de nascimento da escritora, completam-se 60 anos da publicação do livro. Dupla celebração. Com este *Feliz aniversário, Clarice*, 27 ficcionistas brasileiros dialogam com sua obra e homenageiam essa estrela – tão humana quanto misteriosa – nascida na Ucrânia que aportou no Brasil ainda bebê,<sup>1</sup> correu o mundo, iluminou a nova pátria e subiu, subiu, em 9 de dezembro de 1977. No dia seguinte, completaria 57 anos.

Esta coletânea traz duas versões inspiradas em cada um dos contos de *Laços de família*. Elas seguem a ordem dos textos do livro de Clarice. Apenas de um conto, “Feliz aniversário”, há três versões. Intertextuais ou não, todas com novos títulos e epígrafes dos originais, as recriações – em geral uma escrita por mulher e outra por homem, quase sempre de estados e idades distantes – têm pontos de vista bem diferentes ou mesmo opostos. Amostragem da rica e diversificada literatura brasileira contemporânea, que não se concentra no triângulo Minas, São Paulo e

Rio de Janeiro, traz escritores de vários estados, do Rio Grande do Sul ao Pará, nascidos na década de 1920 até a de 1990, muitos deles com a obra consolidada e expressivos prêmios, uns internacionais, mas há também alguns em início de carreira e duas inéditas, como o leitor pode constatar em “Sobre os autores”, na parte final do livro. Três vivem no exterior – Estados Unidos, Inglaterra e Portugal. Apesar de alguns sobrenomes iguais, não há parentes entre os autores.

“Desde seu primeiro romance [*Perto do coração selvagem*, de 1943], Clarice centra sua atenção no registro de labirintos da intimidade de suas personagens, atenta a detalhes patentes na vida cotidiana, como nos laços de família e em experiências mais complexas, como o amor, a paixão, o ódio, a amizade, a inveja”, afirmou à BBC, em dezembro de 2018, Nádia Gotlib, uma das maiores especialistas na obra clariciana.

Na mesma matéria, outra importante estudiosa de Clarice Lispector, Yudith Rosenbaum, faz esta pergunta: “O que Clarice nãoalaria hoje, da nossa época?”. E justifica: “Dá vontade de saber, porque o olhar dela para a sociedade era muito revelador”. Talvez a escritora respondesse: “Os problemas se aguçaram. E a impiedade parece ter vencido. Isso é sofrimento, não?”. Yudith poderia lembrar que ainda há o amor. “Ah, ainda bem.”

O leitor verá que inquietação, dor, mistério, amor, inveja etc. atravessam as narrativas deste livro. No final do volume, encontrará depoimentos dos autores (há belos miniensaaios) sobre a “Gênese dos contos”. Alguns conheceram a escritora e relembram a magia desses encontros. Eu e os demais participantes de *Feliz aniversário, Clarice* esperamos que o nosso trabalho tenha resultado digno da autora de *Laços de família*.

# OS CONTOS

---

## A neta

*Leticia Malard*

*Um holofote enquanto se dorme que percorre a madrugada – tal era a sua embriaguez errando lenta pelas alturas.*

“Devaneio e embriaguez duma rapariga”, Clarice Lispector

A lua. A mesma que estava a nascer por detrás da verde mata, em paródia do avô brincalhão, carregando no sotaque pelas noites enluaradas do seu fim de vida:

tenho vontade  
de comê-la inteirinha,  
misturada com farinha,  
remexida com cachaça.  
Não há coisa mais boa  
do que a lua andar à toa.

“Luar do sertão”: a primeira música que o velho aprendera no Brasil. E ela, sob uma lua sertaneja, pela vez primeira beijou aquele homem enquanto o avô dormia. A vizinha de maus bofes, um olho no cravo, o outro na ferradura, gritou, por sobre o muro:

– Bela filha duma cadela! Emborrachada!

Um esplendor de cadelinha no cio, na leveza do álcool, ao luar dos apaixonados. Ela. Num claro-escuro de minguate fugiu com aquele patrício aclimatado e desconhecido. Cruzada a fronteira do desejo, ele não tinha a quem devolvê-la. O velho era um lápis que poderia riscá-lo do mapa, lançá-lo numa cova como um coelho morto. Fez o serviço completo e abandonou-a no primeiro bordel da rodovia. Ai, que maçada! Era um aborrecimento mais pequeno: dali em diante seria mulher à toa, andando como a lua, despida de nuvens, nua e crua. Linda de matar, sabe-se lá se podia aparecer-lhe um gajo que não tomava parte do sonho, convidá-la a casar-se até no juiz. Largou-a sem vinho nem cachaça, ensinara-lhe o conhaque barato.

O que teria sido feito do avozito? Ela já falava só português brasileiro, mas se ligava a ele menos pelo sangue do que pelas palavras. Eram unha e carne, corda e caçamba. Quando na conversa pipocavam expressões mineiras, o velho reclamava:

– Não vás lá esquecer a nossa língua, percebes? Falas-me sempre à moda do nosso Porto... se me fazes o favor...

Avô e neta amavam-se. Mas aquele homem apareceu das terras do demo encarnado, vivia nos altos, a instalar antenas de telemóveis. Fugiram, como fogem padre e moça. O avô não foi nem mandou ninguém no seu encalço. Desesperou-se, destemperou-se, fechou-se no espanto e na raiva. Não ia correr céus e mares atrás de mulher perdida, castigar o finório. Já não tinha forças para descalçar aquela bota. E estava de casamento apalavrado com a vizinha que a odiava. Neta desmiolada, flor que não se cheirava, tinha pancada na mola. Maldito dia em que a tomou para criar, evitando que fosse entregue às freiras depois do suicídio da mãe. Ficou malvada por culpa dele, sim, amor demais, passava o tempo a botar-lhe paninhos quentes.

Frágil como uma andorinha, seus primeiros voos rasantes navegavam por sobre as folhas amareladas das glicínias no jardim do parque. As mãozitas rechonchudas puxavam os cabelos dos meninos, seguravam firmes os seus rostos onde estalava beijos. Depois saía a correr, seguida nos folgedos por um cortejo de cabelos louros ao vento.

Dos cinco aos sete anos fingia-se de bela adormecida, deitada na grama sobre uma toalha branca de linho, à espera do beijo de algum príncipe. Linda, belíssima. Nenhum gesto de aceitação nem de recusa. Simplesmente acontecia. Se o menino quisesse avançar, não encontraria ferrolho nas portas.

Aos dez conheceu a felicidade na leitura, a preferência por histórias de cavalos e éguas. No texto do real, a abertura do seu olhar para a coreografia viva no pasto, pernas, patas e ventres em torvelinho, primeira janela aberta ao amanhecer do erótico.

No aniversário dos treze anos pediu ao avô telas, pincéis e tintas. Queria criar não propriamente figuras. Apenas inventar confidências, em ângulos abertos e livres de barreiras, traços multicoloridos na predominância do vermelho e do castanho, luas de onde escorria sangue,

gaivotas depenadas em mergulho num mar de lama. O avô enxergava na neta uma pontinha de gênio, criança tipicamente portuguesa, ora pois.

Indagava:

– Porque a m'nina se volta contra si? Porque não te guias pelo azul da tarde, a floração dos castanheiros encobrendo as primeiras estrelas?

Tentava inverter a nudez do leva-e-traz das imagens de juízo final pintadas pela neta. E recitava versos do tempo da Maria Cachucha, aprendidos quando miúdo, com as titias na festa de Santo Antônio, naquela Lisboa das três fontes de lume do romantismo:

*primeira estrela que vejo*

*fazei o meu desejo.*

*Se ele me ama, um cão late.*

*Se ele me odeia, a porta bate.*

*Se ele me for indiferente, que eu oiça um assovio.*

Porém, ela vivia de ilusões, fogos de palha. Ser escritora? Pintora? Não possuía tracejado original para capturar o mundo, muito menos para ouvir e entender estrelas. A escola maçante, uma chatura em tudo. A janela aberta enquadrava lagartixas, um gato preto gordito a passear no muro, a caçá-las, corpo livre andarilho numa mancha de sol. E ela ali, presa à carteira, no opaco da sombra, gata dentro de um texto anestesiado, a voz fanhosa da professora – uma colcha branca estendendo-se sobre a paisagem. Aprendiz sem prazeres, vez ou outra escapava da cena externa para entrar na balbúrdia dos colegas diante de uma barata voadora. Era a única que tinha coragem de capturar a barata, paciente, agarrando-a viva pelas asas, ai, ai, depois apertando-a com cuidado, até ver sair a massa branca, lentamente, enquanto cantarolava as sete saias de filó. As companheiras repugnavam em vômitos.

A valsa de quinze anos ensaiada no espelho não era preciosa, saía da música para cair ofegante no cesto de roupas sujas. Antes da festa no *club*, sufocada no vestido de musselina roxa e destoante para a ocasião, os seios de Maria Antonieta, o toucado de rosas naturais sem espinhos, correu atrás da garrafa de Porto escondida no armário do avô. Só um trago reforçado, para animar o coraçãozito, pois não? Precisava de muita leveza naquela noite de fidalguias.

Noite em que começou a embriagar-se, no ritual iniciático de beber e desbeber pela vida afora. Uma virgem entontecida. Leituras e pinturas

jogadas às baratas, no quartito da empregada. Agora, o trajecto de tasca em tasca, a memória oscilante entre o esquecer e o lembrar, indiferente ao abismo tramado pelos mortais. Uma rapariga pairando sobre todos os seres e todas as coisas. Cabeça na lua.

Aquele homem das antenas foi seu amor de perdição. Antes de mais, ele se fazia a ela, chegava cedo ao emprego, o estrépito da camioneta produzido ao longe, ficava a rondar sua morada até o avô lhe fazer um gesto para a mesa do pequeno almoço. Palestras amenas e variadas. Um Don Juan adorador de vinhaça e de viola. A rapariga olhava-o nas alturas metalizadas, linha de frente da equipa, amarrado em cintos de segurança, movimentos de braços, pernas e troncos de lagosta viva, o capacete amarelo procurando caminhos na sobreposição de triângulos e círculos de ferro. Em tarde de lua cheia, um cromo gravado no satélite. Mesmo quando chovia a potes, lá estava ela, cabeça levantada ao alto. Controlava as vertigens, o arrepio no temor de uma desmontagem fatal, o efeito tranquilizador do gole no frasco a postos. Nada de ai meu Jesus Cristo! Deus? Não ia além de um ser jovem que nunca envelhece, que acende e apaga o universo, trabalho inglório porque um dia perguntarão quem foi Deus. E a resposta: alguém que deveria ser amado sobre todas as coisas e nunca foi.

O antenista e aquela loirice amaram-se uma curta eternidade. O amor é aquilo de que não se vive depois dele. O maior risco que corre o apaixonado é dizer “eu te amo”. E ela disse, acabou perdendo-se e perdendo tudo. Ficou sendo uma árvore sem folhas, uma fronteira deslocada, um livro aberto na cama. Ele não disse “também te amo”. Saiu do texto pela porta da frente, a libido satisfeita entre o sol sem revérberos e a solidão com sede de mais capitoso vinho. Abrindo espaços com a ideia de abandoná-la a seu destino, o bordel das janelas verdes. Vinha a calhar, tinha amizades com a senhoria.

Anos transcorreram. Na casa das mulheres, os galos cantaram em dezenas de madrugadas, despertando as emborrachadas, ela mais do que todas, um tantito inchada, gordota, mas sem perder o favoritismo da clientela. Sorriso resignado, dentes radiosos, olhos de volúpia, figura múltipla e sedutora. Um corpo sem sujidades, para vender à beira da rodovia. Conformada, não se importando com o lugar de ser. Único pensamento, no martelo da noite e do dia: a dúvida, quase certeza, da

morte do avô, saudade lunar. Talvez de desgosto, sem vela na mão, nem pelo menos uma ave-maria. Talvez a murmurar seu nome, em ato de desassossego e perdão. Um pinheiro no aguardo de qualquer espécie de morte, tombando sob o vendaval, a ser enterrado só, debaixo de chuva.

Certa noite de agosto, tão borracha quanto cansada, entre o sólido do travesseiro e o líquido do copo, preparava-se para o último cliente. Avisaram: um desconhecido, chegado do fim do mundo, em busca de abrigo da tempestade, pedindo mulher, a mais galante. Perfumou-se. Mesclado ao cheiro do perfume, um holofote nas trevas: a voz entoando “Luar do sertão”, sem letra, subia os degraus da sala de espera. Era sua memória? O ruído do trovão? Uma cantiga de ninar? Um fantasma importuno? Um rádio perdido entre as taças da orgia?

Abriu a porta, o corpo desnudo nas transparências, o cabelo loiro cobrindo os seios, nuvem de pó luminoso. Diante dela, o homem, ressuscitado de tempos imemoriais, o corpo liberto, sem encará-la deu três passos e desabou em sua cama.

## Delírios e divagações da miúda

Ronaldo Cagiano

*Ai que esquisita estava. No sábado à noite a alma diária perdida, e que bom perdê-la, e como lembrança dos outros dias apenas as mãos pequenas tão maltratadas...*

“Devaneio e embriaguez duma rapariga”, Clarice Lispector

Com a pachorra herdada de uma tarde soalheira, contemplava o movimento da rua como a perder de vista a noção do tempo. Da Baixa, que a rapariga antevia de sua sacada do terceiro esquerdo, um mundo de gente num fluxo divergente de corpos e carros, cena que ela de esguelha acabava por ver reproduzida no velho espelho andaluz que guarnecia seu psyché.<sup>2</sup>

Voltou-se para o quarto ainda metida em sua camisola, quando ouviu o ruído de algo romper-se após uma queda. Não se espantou nem se inculpou por ter deixado o telemóvel,<sup>3</sup> que tinha levado até à janela enquanto se imiscuía macambúzia na paisagem, cair na área, onde ao rés do chão habitava, com favores da habitação social, um casal de reformados.

Como explicaria aos pais aquele descuido? Américo e Eponina já fartos dos tantos quinaus com a filha, eles que hesitaram muito em dar-lhe o aparelho por sabê-la alguém sempre em transe, com olhos noutros mundos, de boleia<sup>4</sup> no marasmo de sempre, capaz de esquecer qualquer objeto em qualquer lugar. Certamente ela já elaborava uma desculpa para fugir à censura até mesmo da miúda sua irmã, que tinha sobre ela uma autoridade molestadora, enquanto chafurdava nas gavetas à procura de uma roupa para vestir-se, bater à porta do vizinho e pedir vênia para recolher o Motorola agora desfeito em pedaços.

Enquanto descia, paquidérmica, as escadas, entreouviu a Rádio Relógio (*mas como essas ondas chegariam do outro lado do Atlântico?*) num misto de delírio e insinuação, *quinze horas, dezesseis minutos, quatorze*

*segundos*, tudo a confundir-se com o agora num ontem intruso, “*Você sabia que a mosca é um dos insetos mais ligeiros e que, se pudesse voar em linha reta, levaria 28 dias para atravessar o mundo todo? Você sabia?*”, conjecturava como abordá-los, *Se faz favor, podes entrar!*, atravessar a sala e ir até aos cacos de seu aparelho, mas outro som a atormentava, aquele bate-estacas hipnótico esventrando o solo, cindindo uma galeria no asfalto onde passaria uma nova linha do metrô que se ampliava, como ampliava dentro de si a angústia em descer, descer, descer para ir atrás do que se rompeu. “*Depois do sol, quem ilumina o seu lar é a Galeria Silvestre, a galeria da luz. Quinze horas, vinte minutos, onze segundos*”, “*Rádio Relógio Federal, ZYJ 465, onda média 586 m, frequência de 580 kHz, onda tropical 61 m, frequência de 4905 kHz, Rio de Janeiro, Brasil*”, as vozes de Tavares Borba e Íris Lettieri alternadas numa confusa interseção de tempos, espaços e geografias juntavam-se ao apelo do carteiro que tocava o interfone das residências e ao som a sinistrar a cada toque.

Dentro dela uma algaravia danada, um alvoroço de vozes, *ah, é o serralheiro em frente que está a me denunciar*, ele alcovita a vida de todos, a via todos os dias na janela e não faz muito tempo a flagrou em conversas com o puto<sup>5</sup> do Nuno, filho da Maria João e do Esteves, donos da pastelaria Segredos do Rossio. *Mas não seria o Esteves sem metafísica?*, teria pensado enquanto, pé ante pé, ia vencendo os degraus. Viu-se a atravessar um poema na crista de uma nostalgia tentando lembrar-se das oliveiras que ornavam os jardins do Castelo de São Jorge, enquanto ouvia o autoclismo<sup>6</sup> na casa de banho de um dos apartamentos vizinhos, “*Minha terra tem palmeiras/onde canta o sabiá:/as aves que aqui gorjeiam/não gorjeiam como lá*”, num transe onírico a indicar-lhe o exílio, nunca quis morar em Portugal, arrancada às pressas do Brasil, miúda ainda, quando os pais vieram aportar-se às margens do Tejo, fugindo da ditadura militar para viver num país que enterrava a sua numa revolução sem sangue e com cravos a saudar novos tempos.

Aquele estrépito, a máquina a duelar com a natureza, não queria entrar em sarilhos com aqueles dois velhos ranzinzas, já bastou naquela vez a desconfiança atirando na sua cara que a pegou entre segredos com outro rapazola na chegada da escola, o susto, a vertigem da língua demolidora... Hesitante, demoveu-se da empreitada e, num átimo, tornou ao quarto.

A memória curvada ao passado de uma infância remota na Praia do Gonzaga, (enquanto tomava os últimos goles de lúcia-lima<sup>7</sup> que esfriava na caneca em cima do criado-mudo ao lado do livro homônimo e abandonado de Maria Velho da Costa), dava seus acenos fantasmagóricos, mas ela afundava-se noutra instante, na hora movediça que a consumia, tentou novamente voltar, era uma incerteza dominante, bateu a porta com força. Mal saiu, cruzou com a Filipa, a mulher-a-dias<sup>8</sup> que vinha limpar a casa da Domingas, viúva do Antero, outra exilada que vivia ali desde os tempos do franquismo, entre uma mazela e outra a demonizar cada dia. Deu novamente meia-volta, algo dentro a fez renunciar à empreitada de bater à casa de Abílio e Fortunata para recolher o que restou do aparelho.

O vapor, a modorra da hora semicrepuscular, o vento a soprar do Tejo em meio ao olor de sardinha frita que emanava das tascas da rua feito miasmas a hipnotizar seus sentidos, ela não hesitou em retroceder outra vez, veio ter novamente à cama, na zona de conforto do seu ócio, e monologava com seus fantasmas, em meio à babel de sons: da britadeira na rua, das vassouradas da limpeza, do barulho da descarga, de um pregoeiro de quinquilharias na calçada, do motorista de um autocarro que digladiava com um peão na passadeira,<sup>9</sup> tudo se amotinava como emanções da rua a entorpecer os seus sentidos.

O corpo amalgamado no leito ainda desarrumado da manhã alongada, voltada para o espelho, penetrando-o com olhar de peixe morto, ensimesmava-se em elucubrações, “não vi nada, meu pai, pode ser o bombeiro que furtou, sabe como é essa gente, vem fazer serviços e leva o que está à vista”, prevenindo-se de uma possível reprimenda do velho ao chegar do serviço, se intuísse que ela havia negligenciado o telemóvel e ele se espatifado sem nenhuma possibilidade de ressurreição.

Adormeceu em meio a deambulações mentais, “quem não te conhece que te compre”, ela esperava essa costumeira sentença do pai, sabendo-a repertório de invencionices, de respostas para tudo, para o malfeito. E já ia longa aquela tarde quase moribunda, o corpo na malemolência de sempre, as ideias a bailarem por outros sítios, fantasiando viagens, regressos, delírios tantos naquela cabecinha povoada de despautérios, enquanto isso vinham ressonâncias de passos apressados na escadaria, a porta de entrada estava aberta, pois entrava, pulverizado, o som do

pregão sibilante do amolador de facas, “Só hoje, só hoje”, e não havia a menor dúvida, era o pai, o pai, o pai em toda a sua imperial presença, estava a chegar, cobraria isso-aquilo da filha, “de novo não lavou a louça do almoço”, “já foi ao talho<sup>10</sup> comprar borrego?”,<sup>11</sup> da mãe, da irmãzinha e até do gato Astrolábio, sempre desconfiado de tudo a meter-se embaixo dos móveis.

Era sempre frágil ao primeiro instante da abordagem, “O que me contas de hoje?”, e ela a esconder algo, faltou à escola, *perdeu o bonde e a esperança?*, *voltou pálida para casa?*, como no poema do itabirano? Que amores falhados em seus poucos dezessete anos conspurcavam aquele coração a ponto de esperar no telemóvel a voz que não vinha?

– Que tens, minha flor? – disse, mitigado, o pai ao entrar sem bater, no quarto da pequena, ela fora de lugar como os travesseiros, desajeitada como os lençóis, depois da pergunta à queima-roupa, desconversou-o num rodeio:

– Não sabes quem vi hoje, meu pai, o Rui, veio aqui ter comigo, quer-me logo mais na Festa de Santo António – e ela sabia que aquilo era um pedido sem retorno, inóspito como um deserto, como ser amiga do neto de um ex-agente da PIDE,<sup>12</sup> sim, o que entregou seu avô aos algozes salazaristas até mofar na prisão do Tarrafal. *Ai, que tranquilidade se eu fosse filha do Aristides e da Elisa!*

Não, não separava as coisas essa miúda, afinal os tempos eram outros, o 25 de abril havia enterrado o passado, o gajo não tinha culpa da ascendência malfadada, ela obstinou-se, bateu o pé e ele, tumefacto de ira, “não me fales mais nisso, esse puto não põe os pés em casa, tu só podes estar doente”.

O pai deu-lhe as costas. Do jeito que chegou, saiu às tontas comendo os degraus da escada, ela hesitante não se fez de rogada, escapa, difusa, também a passos largos, foi ter à rua, olhar o céu, sentir o aroma da noite que se avizinhava, a lua pálida já se anunciava por sobre o rio, a ponte reverberando a silhueta sobre o Tejo, a estátua do Cristo Rei, uma intermitência geográfica entre Lisboa e o Corcovado, Almada e Niterói, o Tejo e o Atlântico, as pontes Costa e Silva e Salazar (dois símbolos de tempos obscuros), absorta no entretanto, no fluxo que abarrotava seu inconsciente de mil matizes, tudo via e nada sentia do outro lado, onde uma margem e outra, aqui ou lá, agora ou ontem, eram detalhes na

paisagem, refluxos da criança carioca que foi um dia, um horizonte diante de seus olhos que inquiriam no vazio, a entabular devaneios, perspectivas enevoadas, embriagada pela incerteza de que caminho tomar.

Saiu às tontas a chutar umas poucas pedras portuguesas descoladas do passeio, palestrando ideias no seu íntimo, ouviu gargalhadas no escuro (*Será?*), sua consciência emprenhada pela dúvida, sentiu o piscar de olhos de um homem a cruzar seu trajeto, ela não era mais a borboleta a flutuar no exíguo espaço do seu quarto, agora uma cabra perdida entre os escombros de pensamentos, vidrada nas montras<sup>13</sup> das lojas, onde ecrãs<sup>14</sup> emudecidos pululavam imagens, ela entre os destroços de si mesma, já não era sequer o inseto delicado do horóscopo, era outra, o rato do zodíaco chinês, eis que nascida sob a égide de outra cronologia.

E assim remexia-se no seu infortúnio, na sua inospitalidade, pensamentos indo e vindo, a caminhada cada vez mais vacilante, vai chegar aonde?, ecoavam nos ouvidos os humores da rua, a vida em toda sua efervescência sonora e visual, *bateau ivre* num rio de desconforto, lembrou-se de que havia a Festa de Santo António, o convite do neto daquele chui,<sup>15</sup> a verdade da história a embaralhar seu discernimento, “ai, que tortura”, ali, ela em plena Praça Camões, depois de ter subido toda a Rua do Alecrim, contemplava a estátua sustentada por aquelas pilastras de vultos cívicos a circundar o bronze e “na quarta-parte nova os campos ara; se mais mundo houvera lá chegara”,<sup>16</sup> a luz lusíada a sinalizar outro rumo.

Uma tal melancolia.

Sentada num dos bancos, o largo era tão preguiçoso como o homem da carrinha de entregas parado a um canto, como a noite já instalada e imóvel. Suas pernas pânicas não respondiam ao sentido de partir, voltar, deter-se numa tal realidade que a ordem natural das coisas alinhava na compulsória rotina doméstica. Desejava no interstício ser percorrida por outros olhos, seu corpo era um território aborrecido, inerte, confrontando com um eu inconformado, com a fleuma do fim de dia, “deixe em paz meu coração, que ele é um pote até aqui de mágoa”, ela lembrou-se? ouviu de algum gira-discos?, não atinava mais em nada, viu de longe passar o 28<sup>17</sup> lotado como uma lata de sardinha, feito manequins aquelas vidas ali, catatônicas, pareciam estar nas tintas<sup>18</sup> para

o seu tédio, num sábado à noite, quando a vida gargalhava imune aos seus devaneios, à hesitação parasita de seu espírito, ao ócio ilusório dos seus pensamentos, borrados os seus sentimentos, a embriaguez resoluta do perder-se para sempre em pleno vazio como o cão rafeiro que passou diante dela sem outra angústia qualquer.

E veio um pranto repentino, um terramoto líquido na alma perdida, aquela ruína vertical a lavá-la inteira, a habitar sua ausência. Se calhar, estaria o pai a esperá-la para fulminar “estás a esconder algo, Gilda Helena”, ainda que dos longes de casa, mas perto do coração selvagem tudo parecia tão nítido. Nada mais resultaria. Olhou para as pessoas, para o chão, escutou os rumores da noite, reparou o constrangimento do trânsito, deslocou para o alto seus sentidos manietados por visões e efeitos confusos, nada mais importava, nem telemóvel, nem o convite do neto de um ex-algoz do avô, nem a autoridade do pai, nem nada nunca mais, e pensou “que bem que se via a lua nessas noites de verão” e pôs-se a sorrir, sem desejo, nem aí para o inverno que insistia dentro dela. A paixão segundo G. H. era um animal estropiado a invadi-la como bichos dentro de uma maçã no escuro.

## Amor reloaded

*Álvaro Cardoso Gomes*

*E por um instante a vida sadia que levara até agora pareceu-lhe um modo  
moralmente louco de viver.  
“Amor”, Clarice Lispector*

O homem com quem casara era um homem verdadeiro, os filhos que tivera eram filhos verdadeiros. A honestidade do marido resplandecia. Como as vidraças da casa, sempre limpas e transparentes ao sol. As cigarras tangiam a sua estridência, dando-lhe ciência de que o mundo se fazia ouvir.

Era a sua hora, a manhã. O momento do dia que a penetrava com seu doce segredo. Então, esquecia-se dos bulícios e sonhos da juventude, que faziam dela uma outra. Havia perfumes escusos que recusava. Queria-se agora simples como um azulejo daqueles brancos de cozinha. Sua juventude anterior parecia-lhe estranha como uma doença de vida. Movia-se, agora, esguia, entre pratos, panelas, roupas por lavar. À sua volta, o marido e os filhos e mesmo a empregada, como a cereja de um bolo. A felicidade dolorosa e pressentida. Que procurava sequestrar. Queria guardá-la naquele porão mais úmido. Seria então como os retratos de avós deglutindo poeira, um relógio vomitando molas e um negro missal exibindo chagas. Anúncios de óbitos perpétuos. Para que ela findasse ali sua zombaria e sua sombra de um tempo exposto à revelia.

Ana apagava-se para que o instante perdurasse. E, assim, à semelhança da velha aranha da casa, trabalhando, morosa, em sua teia, tecia a mornidão dos dias. Que mesmo assim brilhavam. Eram frutos sempre maduros prestes a serem colhidos. Laranjas como focos de luz, maçãs vorazes em face do pecado. Só à espera do anúncio da serpente.

Construía sua vida como um objeto de arte. Todas as coisas em seu lugar. Imaculadas, limpas, marcando presença. Talvez arrependidas

quando cobertas de pó pelo hálito da noite. Mas lá vinha Ana com uma flanela e cumpria os rigores das manhãs. E assim obscuramente ela fazia parte das raízes negras e suaves do mundo. Mas esse negro anonimato não a ofendia. Pelo contrário, Ana contraía-se, entregando-se ao solfejo do ritmo dos dias. Seu corpo expandia-se, estava mais grossa na cintura. Para sua escura felicidade, ela não mais cabia no retrato antigo.

Mas havia um certo momento do dia que a deixava temerosa. Sua precaução reduzia-se a tomar cuidado na hora perigosa da tarde, quando a casa estava vazia sem precisar mais dela, o sol alto, cada membro da família distribuído nas suas funções. Nasciam, excitados, interstícios. O claro-escuro, sombras, como silêncios prolongados, repousando. Lagartas tangendo fios, moscas cujos zumbidos resplandeciam, abelhas vorazes destilando o mel mais negro. O mundo se povoava de músicas soturnas. O abismo de sal. Adivinhando um ventre intumescido pronto a explodir. As sombras como máscaras urdindo a sublevação da superfície. Lá onde olhos distraídos repousavam. E as retinas fatigadas ou mesmo indolentes registravam apenas porosidades. Algumas teciam sonhos, outras projetavam o ontem. Ana, desse modo, via-se de cabelos soltos. A outra, a quem vinha renegando. A do retrato. Em nome daquela sujeição tão doce aos móveis espanados, aos pratos bem feitos, aos filhos alimentados, ao marido todo sorrisos.

Ela ia num bonde que se arrastava até Humaitá. Foi que viu o cego mascando chicletes. A mastigação fazia que ora sorrisse, ora deixasse de sorrir. Ana, os olhos fitos no cego, era como se quisesse ver o que não se podia ver. Um sofrimento mastigado para, deglutido, se transformar em alegria. Ela se esgueirava do mundo que não era mais seu. Um cego mascando chicles mergulhara o mundo em escura sofreguidão. Transtornada, ela deixou cair a cestinha com ovos no chão. A gosma amarelenta penetrava com angústia entre as tábuas do assoalho do bonde. As coisas tinham agora um ar periclitante.

O que chamava de crise viera afinal. E sua marca era o prazer intenso com que olhava agora as coisas, sofrendo espantada. Ana percebeu então que as pessoas caminhavam à beira do abismo. Como reses prontas para o abate. Ela estava só num mundo cujo sentido se eclipsara. Sem manhãs como aquelas em que os copos limpos brilhavam sobre a pia.

O bonde, sorrindo-se de sua distração, levava-a para longe de seu destino. Numa parada, descia do veículo e entrava num mundo primevo. Andava por aleias, erigidas como se fossem em catedrais de árvores. Havia o nauseante perfume de gigantescas palmas, regurgitando miasmas doentios. Arrulhos soturnos de rolas. O abafado murmúrio dos élitros dos insetos. Flores adocicadas e vitórias-régias, que boiavam monstruosas, deixavam-na em transe. Tudo aquilo parecia querer explodir o selvagem coração das coisas.

A moral do Jardim era outra. Agora que o cego a guiara até aquele lugar, estremecia nos primeiros passos de um mundo faiscante, sombrio.

Quando pensou ter saído do letargo, tinha um gato negro pesado ao colo. De seda, de veludo, a penugem noturna que a fazia estremecer. O animal erguia o torso e encostava a boca na sua. Fechava os olhos, remoendo um prazer longínquo. Vindo com certeza de outras eras. Ao abri-los, deparava não com o gato, mas com o negro só sorrisos a seu lado. A branquidão cegante do terno, a camisa rosa, um grosso cordão, ouro vibrante, entre os tufo de pelo do peito. Sapatos de duas cores. O anel, um esdrúxulo ovo de codorna, reduzia-se quase tão só à gema verde. “Acordou, Princesa?” – disse, pegando sua mão e beijando-a. “Oh!” – o espanto crucificado no olhar.

Ele erguia-se, sorrindo, alguns ouros reluzindo entre os brancos dos dentes. Puxava-a e dizia, peremptório: “Venha comigo”.

Por dentro dela, assomava um “mas” ou uma interrogação muda. O que imperava naquele momento, porém, era a obediência. Ana, dividida e já sentindo uma saudade amarga das manhãs transparentes, obedecia.

Via-se como uma outra. O vestido de seda, lilás, os olhos com sobras de cílios. Eram como asas de mariposas esposando a luz. Os seios ofertos, e a brancura de sua carne resplandecendo. O negro cingia-a pela cintura, conduzindo-a com passos de veludo pelo salão. A música vinha em ondas de sombras. Perfumes cegos corriam o ar e a deixavam enlanguescida como os cisnes do parque.

Fora, o bafo iluminado dos néons piscantes. Outras como ela vivendo a sensação de outrora, cegas pelos acordes. O champanha rivalizando com os brilhos dos ouros. Palavras ermas, inconsúteis, esgrimavam sentidos. Ela, aturdida pelos beijos, pela noite que a penetrava com um odor faiscante, unia os cílios como num beijo.

O toque de um sino. Os olhos dela se abriam. O motorneiro, ele quem lhe sorria. Ela ia naquele bonde que se arrastava até Humaitá. Foi então que viu o cego mascando chicletes. A mastigação fazia que ora sorrisse, ora deixasse de sorrir. Ana, os olhos fitos no cego, era como se quisesse ver o que não se podia ver.

Resvalava pelo vazio do tempo.

Então a escuridão da noite desvaneceu-se. E a manhã voltava a brilhar, orvalhada como uns pés de junquinhos.

À sua volta, o marido e os filhos e mesmo a empregada, como a cereja de um bolo. A felicidade dolorosa e pressentida.

*image  
not  
available*

Dona Arminda acompanhou os movimentos ágeis do menino lidando no escuro e na friagem, esses e aqueles detalhes de meticulosa preparação, até ele erigir o rosto fúlvido, todo o rosto iriado pela quentura tremulante das chamas de uma pequena fogueira. Então ela quis ver as estrelas no céu. Cravou os olhos nas três-marias luzindo altas. Luzindo frias. As três-marias.

Dona Arminda agora atravessa a rua e a calçada. Vai entrando no quintal de pareio com a casa pequena e abandonada. Lembra-se do poema que diz que amor é fogo que arde sem se ver. Corre para si mesma e se vê ainda muito moça e toda radiante com uma carta que acabara de chegar. Era dele, do moço que ela amava. Na cozinha, a irmã mais velha mostra a carta, faz questão de ler o nome do remetente e constatar, no olhar da irmã mais nova, que ela precisa da carta para continuar vivendo, então a irmã mais velha sorri e em seguida rasga a carta, rasga, rasga. Para que não reste possibilidade alguma de que a irmã mais nova imagine qualquer frase, a irmã mais velha joga as tiras de papel nas chamas do fogão a lenha.

Dona Arminda volta do que foi e sorri para o menino. Agacha-se ao lado dele, estira o rosto, fixa os olhos na fogueira, deixa de propósito a barra do paletó marrom-escuro encostar em ciscos, cinzas, carrapichos, folhas, gravetos, faíscas. O menino sopra e atiça o fogo.

*image  
not  
available*

me lembro de ter falado de política ou influenciar seus alunos com ideias radicais como faziam outros professores no nosso colégio.

Era um colégio moderno, desde a arquitetura concebida por Oscar Niemeyer, prédios quase soltos na paisagem, um extenso gramado. Nós também éramos muito livres. Espaço leigo, tinha alunos de diversas religiões. Quase nada era proibido. Quem quisesse, fumava durante as aulas. No meu último ano ali, projetei um futuro perto do que eu gostava. Nem era minha intenção dar aulas. Queria a literatura. Só isso.

Um ano antes, morreu Guimarães Rosa, cujo pai tinha nome de personagem, Florduardo. No conto de abertura das *Primeiras estórias*, a primeira abordagem me pareceu um tanto pueril com o Menino viajando com o Tio para um lugar onde construíam uma cidade não nomeada, mas que identifiquei como Brasília. Não demorou, entretanto, para eu descobrir como a realidade era camuflada, pano de fundo para as reflexões do pequeno herói e seu incômodo com o mundo.

A experiência do personagem ecoava a do leitor. O Menino tem uma visão de beleza proporcionada pelo peru no quintal, quase uma clareira na mata. O peru que seria servido no aniversário do Tio. Muito pequeno, eu ia visitar meu avô materno em sua cidade. A velha casa, que tinha no corredor uma claraboia e cenas pintadas nas paredes da sala, desvelava, nos fundos, um quintal enorme, em declive, avançando para o rio. No rio passavam canoas com pescadores. A canoa escorregando na água me encantava.

No quintal do meu avô também tinha um peru, que gostava de abrir a cauda como se fosse um leque de plumas. Meu primo, mais velho, se divertiu comigo e por muito tempo lembrava a frase com que, embasbacado, reagi à cena: “Olha a saia da *parua*”.

Na última vez que fui visitar meu avô, peguei um avião, como o garoto de “As margens da alegria”. Era um teco-teco, apelido daquele modelo tão pequeno e instável. Enjoei muito, me deram para mascar um chiclete quadrado e branco. Quando chegamos, vi meu avô deitado de pijama numa cama de hospital que tinham trazido para seu quarto. Ele e eu tínhamos o mesmo nome, ou dele eu herdei o nome.

Meu xará, tão distante e sisudo, estava morrendo. A família tinha sido convocada para assistir aos últimos momentos. Depois o caixão foi exposto na igreja. Minha mãe me puxou pela mão. Ficou um tempão

## O preço do silêncio

Ana Cecília Carvalho

*Não pude impedir, disse ela, e a derradeira piedade pelo homem estava na sua voz, o último pedido de perdão que já vinha misturado à altivez de uma solidão já quase perfeita. Não pude impedir, repetiu entregando-lhe com alívio a piedade que ela com esforço conseguia guardar até que ele chegasse. Foi por causa das rosas, disse com modéstia.*

“A imitação da rosa”, Clarice Lispector

Não sei o que o senhor quer saber, além do que eu já lhe contei, doutor. Os dias têm sido difíceis. Meu coração dói quando vejo Laura desse modo, uma hora com uma expressão alheia, sem ao menos demonstrar que percebe a minha presença, depois me olhando com desespero, agarrando a minha mão como se eu pudesse salvá-la de algum perigo. Laura quase não fala, o senhor deve ter percebido. E ela foi sempre assim, pelo menos desde que a conheci. Fico juntando os pedaços das lembranças, das palavras, para tentar entender. Não é fácil. Eu mesmo nunca fui muito de conversar sobre essas coisas de dentro, as intimidades, sabe como é? Mas isso não quer dizer que eu não tenha percebido quando Laura começou a mudar. No início notei só uma irritação, uma impaciência. As noites maldormidas foram se tornando uma rotina. Sempre inquieta, Laura começou a sair de manhã cedo, segundo ela, para caminhar – o que me surpreendeu, porque Laura nunca se preocupou em fazer nenhuma atividade física. Voltava quase sempre muito animada, o rosto afogueado de adolescente. A irritação e o mau humor melhoraram. Mas não conversamos sobre isso. Tomei por certo que Laura tinha encontrado uma atividade que a fazia feliz, e para mim era o que bastava. Mais ou menos nessa época, ela começou a escrever um diário, que trancava com um pequeno cadeado. Fiquei curioso, e confesso que várias vezes tive de vencer a tentação de procurar a chave para abrir o diário e ler o que Laura dizia ali. Mas fazer isso seria

## O filho do pai

*Raimundo Neto*

*Não pude impedir, disse ela, e a derradeira piedade pelo homem estava na sua voz, o último pedido de perdão que já vinha misturado à altivez de uma solidão já quase perfeita.*

“A imitação da rosa”, Clarice Lispector

O cabelo comprido era uma invenção recente para caber no que o marido sabia sobre o passado de ambos. Tudo muito escorrido, lavado, esticado, alguma cor, o cabelo, o vestido, os cílios colados, as lentes cristalizantes abertas inquietas arrebatando algumas palavras que um deles não conseguia esconder: Você me chama do que eu quiser, Patrício, e vibrava no eu quase mastigado depois que o outro dizia Teu cabelo não é de verdade, eu comprei, te dei, inventei esse corpo, todo acolchoado, quando te enchi de desejo, tirei teus pelos enroscados na calcinha, te entreguei palavras ao dizer traços femininos no que tu nasceu para resistir. E olha isso, apontava para o volume entre as pernas, olha como eu fico só de te olhar usar esse vestido sem medo gritando Hey Queen, e teus cílios, essas asas, e teus brincos, os sapatos.

Lá fora, alguém sempre dizia que era preciso pelo menos uma criança em casa até a casa dos trinta. Patrício imaginava essa casa demolida pela primeira criança e por todas as outras que aquela levaria para a sua vida, martelinhos brinquedos, britadeiras e serrotes de plástico, pás com chocalhos ruidosos, jogando-se sobre ele, soterrando sua liberdade e a de Hey Queen, chamando-os de paipai, mãepai, ou tios, ao longo do dia até Bênção Boa-Noite e beijos na testa, e a casa a cair, sob os pezinhos imundos do grupinho de amigos e amigas da criança primeira, no máximo cinco anos, todas elas, as crianças. Restaria, no desespero de Patrício, uma chave livre e uma porta intacta sobre o acumulado de restos de

era capaz de acreditar no amor de outro homem. Ele nunca soube o que fazer com uma mulher como ela.

A noite inteira quente, as bordas crocantes quase queimadas. Patrícia afastava com as unhas bem feitas em vermelho-carne as migalhas caídas das sombras, nos contornos onde a luz não alcançava. Então foi isso que o meu filho se tornou?, pensou abertos os olhos fundos dentro de Patrício que não largava a mão de Hey Queen, que não largava o copo de vinho, que não parava de se contorcer entre as unhas também vermelhas, mas morangos:

– Me tornei o quê, mãe?

– Dois homens... um trabalho fajuto... um filho...

Patrício não sabia dizer nada além do que vinha sendo dito naqueles quase quarenta anos. Não lhe era oferecido nada mais além que desculpas culpadas, desnorteadas diante do amor da mãe. E cansava de dizer: um filho não teremos. Não acreditava mais que precisaria explicar qualquer detalhe sobre o amor, sobre sua casa ou Hey Queen, que acordava sempre jovem elegantemente cansado todas as manhãs, maquiagem perdida nos sonhos, depois de uma noite eterna de festas, muitas festas.

Patrício sentia que acompanhava o marido à noite, todas, ao fechar os olhos e dizer eu te amo para o travesseiro vazio ao lado. Sentia o cheiro doce de alguma especiaria do marido quando apagava a luz e ele não estava lá, ou quando acordava o café fervendo e o marido já era outra pessoa ainda dizendo Boa noite, baby, às dez da manhã.

Mas Patrício não sabia dizer para a mãe ir embora. Há anos ele não pedia desculpa, perdão, e um favor: Você pode ir embora? Por isso ela ficava. Ficava e esperava Hey Queen perceber Patrício como um excesso de futuro portentoso em sua vida.

Se eu entregar a casa, ou minhas roupas, ela sai daqui. Patrícia e Hey Queen pensavam num tempo quase familiar, primas antigas, ou melhores amigas amantes de um mesmo homem quieto. Nenhuma delas deixaria a casa primeiro. Patrícia desejava ter ódio suficiente para desfazer os arranjos de Hey Queen pelo corpo, vê-la um pouco menos delicada nos detalhes do cabelo de mentira, dos olhos de mentira, os contornos e curvas de mentira, não pode ser real, não pode. E se via num espelho, um cruel modo de perceber que dentro de si viviam imateriais mais de

lembrança aflita um lar. *Foi o Patrício*, eu disse fitando seu sorriso que dizia *Fez um bom trabalho o... é...* e fechou os olhos, estalando a lembrança nos dedos. *Teu filho*, ajudei seu entalo. Com uma vergonha fabricada acrescentou: *Meu filho... tem bom gosto, quer dizer, tinha.*

– E o menino?

– Seu neto?

– Não, teu filho! Não é isso?

– Se apresenta pra tua avó, David.

– Me chamo David – e riu. Riu sem qualquer planejamento anterior.

David parecia ser sempre uma criança outra; cada nova cena pedia-lhe para exercer encantamentos. Cada palavra saía sempre outra. Às vezes eu sentia que ele era cem crianças desejadas por mim a minha vida inteira dentro daquele corpinho de cinco anos, e que todos os dias uma nova emergência renovada para cumprir uma promessa de me fazer um pai possível.

– Oi, criança... David. Bonito nome!

– A senhora é bem branca, Vó. E se aproximou da mulher, estendendo o braço, pareando-o ao lado, depois de beijar aquela mão enrugada tremida. *Você tá de dia, todinha*, David disse a ela, sorrindo. David era provavelmente a criança mais risonha que já conheci. Nunca teria nascido de mim ou do Patrício.

– Vai fazer o quê agora?

– Estou empacotando as roupas, vai levar o dia inteiro, amanhã vou dar um jeito nas burocracias do trabalho do Patrício, tem muita papelada para assinar.

– Estou falando da criança!

– Eu? Mas eu tô vivo ainda, Vó!

– O que tem meu filho? E... David, você não quer ir pro quarto?

– Eu não, pai. É melhor eu ficar por aqui de boa...

– Vai pro quarto, sim, David.

David foi. Rindo. Acho que ele aprendeu em algum lugar que rir poderia ser um remédio para qualquer coisa. Talvez dissessem para ele, antes de ele vir morar conosco, que todo casal que chegasse lá naquela casa deveria ser bem recebido com um grande sorriso. *Tá ouvindo, David?*, ele contou para nós, quando jantamos a primeira vez juntos. Entretanto, não disseram a ele que era possível uma família como a

Do fundo da sala a aniversariante, imóvel, calada, podia ver e ouvir o movimento. Ninguém se aproximava ou lhe falava, menos um bisneto de olhos cítricos. Por vezes passava perto, devagar, olhava-a divertido, sem tocá-la ou dizer um oi. Parecia querer dar-lhe uma beliscada. Um beliscão de amor. Olhos nela e na mesa colorida.

Outra vez, parabéns bilíngues – *happy birthday* pra você... Enquanto cantavam, a velha, à luz da vela, meditava como junto de uma lareira. Na frente do bolo, o bisneto menor, eleito, tomou o lugar da aniversariante, vidrado na velinha. Nem ele saberia dizer se foi o sopro ou a saliva que apagou a chama. Da luz fez-se treva. O menino bateu palmas, encantado com a magia. Viva a vó bisa! Viva a vovó! Viva a mamãe! Viva! Viva! Palavras rápidas que o bolo está gostoso. Alguém acendeu a luz.

– Parta, mamãe!

Ela parada.

– Vovó, parta. Está esperando o quê?

A velha pegou raivosa a faca – alguns se afastaram – e apunhalou o bolo.

– Ela tem força – disse Hipánema.

– Tem mais fôlego pra subir escadas do que eu – Zilda emendou.

Pás de bolo depositadas nos pratos. Enfileirados. O silêncio guloso.

“Querem me enterrar. Vão ter de esperar. Ah, se vão!”

Manolo tentou retomar a conversa, como se a mãe fosse surda.

– Quando ela se for...

– Já disse e repito, cara: nada de negócios hoje.

“Carne de Joelho. Todos. Nem acredito que nasceram de mim. Menos o Rô. Onde está o Rodrigo? Esse será homem.”

A velha não ganhou sua fatia. Nem almoço nem janta.

Bateu os pés no chão.

– *Mamãe!* O que é isso, mamãe?!

“Não cuida da educação da velha”, Hipánema consigo mesma.

Holária: “Vai ver nem banho dá mais”.

– Quero uísque.

– Mamãe! Mamãe... é melhor um suquinho, mamãe.

– Que *quinho* o quê! Eu disse *u-ís-que!* Dê-me logo um copão.

“A bisa endoidou.”

cabia e só a mim é que se destinava a cabeceira da mesa. Eu dizia para Olavo, o filho mais magrelo de todos, que, na vida, a gente só abocanha e saboreia de verdade de acordo com a fome que tem. É por isso que sempre ensinei filha minha e filho meu a apreciar de mesma sorte tanto a migalha do último pão quanto o banquete servido a cada festa de aniversário na família. Por falar em aniversário, hoje é o dia em que nasci.

Célio é um depravado que só pensa em comer, parece até que carrega uma besta indomada que vai criando unhas, pés e morada no lugar do estômago. A cada ano que passa, o bicho animalesco cresce incontrolavelmente e parece que toma conta de todo seu corpo, da barriga ao cérebro. O pançudo se serve com um pedaço de bolo de chocolate, mas queria mesmo era a torta de morango, ou quem sabe aquele suflê de frango ou o escondidinho de picadinho, mas, na verdade, não se mistura doce com salgado, pelo menos não ao mesmo tempo, primeiro vem um, depois o outro, pensou, eu queria mesmo é aquela *pepsi*, já que não tem a *coca-cola*, foi por isso que me casei com Norma, até que ela cozinha bem, mas eu nunca esqueço da lasanha de jambu com camarão que Isadora me servia, bem apimentada, era mesmo um prato completo, pois vinha sempre acompanhado da bendita *coca-cola*. Mas a vida é assim mesmo, não se pode ter tudo, então, a gente aproveita o que está posto na mesa agora.

A vida é verdadeiramente insaciável, é dela que extraímos a fome que nos alimenta. Essa fome nos vai comendo tal qual uma prece ininterrupta pronunciada por todos os santos e santas da sagrada abóbada celeste que originou todos os mundos. Dela, somente aquele que jejuou no nascer das primeiras horas ambrosíacas e se alimentou do aroma das pétalas da aurora, rosa flamejante que circunda as manhãs, é que pôde provar do néctar inesgotável que jorra dos meus seios. Há quem conte que, tempos atrás, um homem bebeu glotonamente desta fonte e teve seus olhos arrancados, quis ser maior que o seu destino e por isso enlouqueceu na escuridão. Outro homem não acreditou naquilo que enxergava e renegou o leite que lhe dava o dom de ver e por isso caiu no esquecimento e na cegueira. O último homem se aproximou da fonte como quem olha para um olho d'água e vê sua imagem refletida, nela mergulha, faz manjar para suas noites vazias e extrai o fermento das

se pendura a estrutura dos ossos que estão por um fio. A finitude é tão forte que ela própria sustenta o tecido da vida. É por isso que meus filhos receiam me tocar e assim temem penetrar a própria existência. Todos, com exceção de Zilda, que, dia a dia, me lava o meio das pernas. Ela ainda me confronta os olhos como no dia em que nasceu. Ali, abraçada em meu colo, consentimos: adentrar a vida é como um parto, dilata por dentro e sangra.

Isso me recorda o dia em que comemoramos na praia o seu aniversário de sete anos e o ferrão de uma arraia atravessou-lhe o meio do pé. A menina gritava em delírio nos meus braços, e quando quase lhe faltaram as forças, sussurrou como alguém que ressurgue de um susto:

– Mamãe, também sabem dizer as filhas sobre a dor que é nascer.

Naquele momento, juntas compreendemos exatamente o instante em que a vida nos entra sem anestesia alguma.

Assim mesmo é quando nos acomete a morte, aquela que Ademir, ostentoso, assassinou. É com tal porte que este homem provido de todo prover cuida do sustento do único filho e de Cordélia, a pobre moça que nunca foi tirada para dançar. Não é para menos, ela se casou com o moço que nunca foi convidado para a Festa. A não ser esta, a celebração do nascimento de sua mãe. Meu ninho, meu útero, aqui eles festejam. A cada ano que passa é mais uma vida que anuncia a morte. Essa Aracnídea que tece, enlaça e corta a própria teia, Aquela que sente o faro como uma leoa, chora como uma mãe e chama cada filho por seu próprio Nome. Ela que tem inúmeros nomes e nenhum deles é pronunciável. Ela que nos dá ver a dança primordial do caçador cujo poder consiste em tão facilmente matar como também ser morto. Cordélia aprecia a dança e é em segredo que sonha.

Certa vez ela me revelou um sonho que teve no dia anterior ao enterro de sua avó, Celina, morta, já sem visão, aos 89 anos. Cordélia caminhava por uma estrada deserta de terra batida, cercada por postes que mais pareciam varas com lamparinas à meia-luz, afunilando ao fim do caminho um casebre de madeira azul desbotado, a umidade exalava do mato ao redor e infiltrava os poros de seu vestido branco. A jovem entrava no lugar em que, parece, já havia sido convidada a estar, e de pronto a aguardava, sentada à cabeceira da mesa de uma cozinha, uma velha preta de olhos pretos com um turbante branco na cabeça. Ela

fazendo o papel de uma empregada doméstica, depois estava de quepe e era guarda noturno girando um cassetete na mão, aparecia em outra cena fazendo o papel de um avozinho com tosse, corcovado e surdo.

Minhas noras não são várias noras. É apenas uma que muda de tom de voz, penteado, vestido apertado ou curto, usa óculos escuros ou de grau, outra que tem falsete e se equilibra num salto alto finíssimo. Entram e saem da minha casa e eu não sei mais seus nomes, de quem são mãe, quem são seus maridos. Cheguei a pensar que tudo seria a velhice e a perda de memória, mas com o passar do tempo percebi que são apenas uma, que é uma trapaça dos sentidos e que alguma arte e artimanha armaram – elas, não meus filhos, ou ela, uma só e única – para me confundir. Agora me perguntem por que razão uma mulher se faz passar por minhas noras. Não sei responder. Agora também é hora de me colocar na parede e dizer: como podem elas ser apenas uma se estão as três aqui comigo na sala, em volta da mesa, em volta do bolo, esse bonsai de fogo? Se eu soubesse as respostas, tudo se tornaria mais claro e se revelaria a farsa.

Minha cabeça é um sino. Um sino que não toca, um sino que ressoa as palavras. Penso na cabeça como um sino e rio. Rio porque o sino fica no alto de uma torre de igreja. E a cabeça fica no alto de um corpo. As palavras graves não fazem o sino soar. O agudo é que me afeta. Não reconheço meus netos e os meninos da vizinhança. Não sei mais seus nomes. Ou os netos são nomes sonoros e amantes, ou os netos todos chamam-se Zezinho. Meus netos todos são Zezinhos. A voz aguda da gritaria rebomba na parede do sino. Não me doem tanto, mas zumbem. Lembro que certa vez subi na cidadezinha em que nasci no alto de uma igreja com um namorado que era sacristão. A cidade vista do alto é um mapa pulsante. Fiquei tonta. A experiência dos mapas vivos tonteia a gente. E foi aí que ele para me impressionar tocou o sino e quase me enlouqueceu.

Não chegam os agudos a ser de cobre, apenas batem aqui e ali na cabeça oca da torre da minha igreja.

Para mim, Schon era um sujeito que falava muito, gesticulava com exagero e tinha voz poderosa. Ainda ouço a voz dele ressoando no sino na cabeça. Quantos pulmões deveria ter aquele homem? A impressão que tenho é de que morreu, mas deixou as vozes a ocuparem os espaços da

filharada brinca ao redor até a volta do pai. Aí, entram todos para a janta, levando embora a cadeira. A vida ali é uma singeleza.

Atravessa, pulando maré nos paralelepípedos lavados pela chuvarada que derrubou brotos das jabuticabeiras no pomar, abafou o marulhar da água caindo na caixa de madrugada e deixou tudo na maior limpeza.

O automóvel do marido da Dona Itália está sequinho. Não dorme na rua nem em puxado para charrete de fundo de quintal como os outros da cidade, poucos, rombudos, pretos como o do pai, que está fosco e velho. O do doutor carioca é novo em folha. Verde, brilhante. “Aerodinâmico”, diz a mãe. Fica bem à vista e à mão na garagem ligada à varanda, a um passo da entrada, o portal rendado de ferro envidraçado que à noite deixa entrever vultos lá dentro do imponente sobrado. “Tirado da revista *Mi Casita*, neocolonial mexicano”, diz a mãe. Dois andares, telhado aparente de quatro águas, afastado do passeio pela novidade, o jardim de frente. Tudo moderno, prático, industrial. “Pós-guerra”, diz a mãe. Vitória e grandeza.

Cerrada está a porta da casa da Dona Rosita, sob o alpendre lateral, que tem alguns poucos dos seus balaústres dando para o passeio. Ela se afasta para apreciar a fachada, da época em que telhado devia ficar bem escondidinho. Caprichada que nem frontispício de livro. Duas iniciais informam, não de todo, de quem é a propriedade no medalhão lá em cima, na platibanda. Fitas em relevo enlaçam as duas janelas venezianas, arabescos compondo bela página. “*Art nouveau*”, diz a mãe. Coisa da mais fina delicadeza.

A casa da Dona Rosita obedece modesta ao alinhamento como quase todas da cidade, que permitem que as donas de casa – menos a Dona Itália, coitada, no seu solar abastado, mas afastado – cheguem à janela e tenham facilidade no dia a dia, distração e – por que não? – alguma surpresa. Vai, quarteirão abaixo, até o pé da ladeira, até as portas baixadas, sempre com força e rudeza, do armazém do turco e de sua mulher turquesa.

Está no sopé da colina, na esquina, diante da casa da tia-avó, de dois alpendres, um aberto para o jardim de frente, outro dando direto para a rua lateral, bem visíveis as paisagens italianas pintadas em falsas molduras na parede, uma lindeza.

A aparição tinha cara de abóbora, mas de jeito algum parecia um homem fraco.

Percorre as páginas até que acha *Adamastor: Gigante...* Abaixo, na fotografia de uma pedrona bruta que tem apenas o topo entalhado, um homem de tamanho normal, de pé sobre a longa barba no peito de um ser enorme, olha seu rosto esbravejante, que em nada se parece com o da trouxa.

Páginas adiante, encontra *Amazonas: Povo fabuloso de mulheres guerreiras que habitava as margens do rio Termodonte, na Capadócia. Enjeitavam os seus filhos varões e queimavam o seio direito para atirarem melhor com o arco.* O desenho traz legenda ao lado: *Na escultura antiga, a amazona é o tipo feminino do guerreiro, enverga um traje asiático.* É uma mulher de tamanho normal, apesar de guerreira, e veste uma túnica curta, presa só no ombro direito, que cobre apenas o seio queimado, deixando o outro de fora. Muito diferente do que viu.

Segue lendo as palavras, vendo as ilustrações. *Anteu: Gigante filho de Netuno e da Terra. Apet: Deusa egípcia com corpo de hipopótamo.* Nada se encaixa.

Já está desanimando, quando encontra uma figura gigantesca de cabeça baixa, vergada sob o peso da abóbada do céu, com todas as suas constelações e estrelas, segura por duas mãos fortes sobre o pescoço encurvado. Muito semelhante ao que viu. Faz sentido, mas de modo misturado, como nos sonhos: é gigante, tem pelos no rosto, leva nas costas uma abóbada, nome que parece com abóbora, redonda e grande como uma trouxa.

Afobada, lê o título: *Atlas.* E o que vem sob ele: *Coleção de cartas geográficas.* Vem ainda: *A primeira vértebra do pescoço que sustenta a cabeça do mesmo modo que Atlas sustentava o mundo.* Ao lado, o título mais completo: *Atlas ou Atlante.* Esse, sim, explica o ser fabuloso condenado a suportar o céu sobre os ombros. Examina a figura. Confere, tem mesmo muito a ver com aquela que pode bem ser a maior mulher do mundo.

Porém, há um porém. E esse porém muda tudo.

É um homem, inteiramente nu.

Acaba de ver aquilo que não devia, disso tem toda a certeza.

apodrecida e quebradiça. Baixei meus olhos para o terço que tinha nas mãos, precisava fingir a mim mesma que dali viria alguma força. Deixei que o olhar ali repousasse e assim não visse os restos de seu corpo, reduzido a ossos e pó. Embora a última imagem que carregava de você, por mais que tentasse lembrá-la viva e saudável, era a do seu corpo doente e febril. Seu corpo ficou pálido, depois inerte, assolado pelo frio e, por fim, rígido como uma vela de parafina.

Fui convidada a acompanhar a exumação; havia expirado o tempo em que poderia ficar protegida entre os mortos e seus silêncios. Durante aqueles anos havia me acostumado a visitá-la, certificando-me de que o túmulo permanecia fechado e que você estaria protegida das intempéries do tempo. Havia me acostumado à quietude e à melancolia das tumbas, dos corredores, das datas do nascer e do morrer. Não, aquela suposta paz havia sido interrompida pela ausência de dinheiro para que pudesse continuar. E dali a pouco você estaria em meus braços, desprotegida, nós duas errantes, para algum lugar que ainda não conseguia imaginar.

Afastei com as mãos os pequenos besouros negros que insistiam em se aproximar do meu rosto, mas terminavam seguindo sem direção. E tão logo recebi o pacote a que havia se reduzido, pensei no peso do ar quando a carreguei pela primeira e pela última vez. Era assim como o ar que carregamos nos pulmões e que deixa o nosso corpo sem tornar mais pesado o que há em volta.

Não poderia levar você para casa. Não conseguiria deixar você como nada num canto discreto da sala. Não seria digno escondê-la no fundo do armário como se houvesse um sentimento de vergonha em tê-la a olhos vistos. Não poderia também assustar as outras crianças, respondendo às inevitáveis perguntas sobre de que se tratava. Tendo de desmentir toda a fantasia de que você habitava um lugar maravilhoso e iluminado, num céu muito limpo e azul cuidado pelo bom Deus.

Também não havia dinheiro para comprar um ossuário, que costuma ser mais barato, muito menos um jazigo. “O que farei, meu Deus?”, me perguntei muitas vezes, apertando seus fragmentos contra os seios em que você dormiu por muitos meses. Poderia levá-la para um parque ou um pequeno jardim abandonado. Mas estava tudo entremeado de ruas, passantes, não conseguiria fazer o que precisava sem chamar a atenção.

parte, não tivesse escondido o surto de meningite, ela estaria viva, concorda?”

“Que culpa seu irmão tem da morte dela?”

“Ele não é militar, mamãe? O governo não é deles?”

“Ora, ainda mais essa... nos deixe em paz, eu não tenho a chave”, disse, seguindo em direção ao quarto.

Nunca perdoei a indiferença de minha mãe. Ouvi minha avó contar a uma irmã que ela não amamentou a mim da mesma maneira como fez ao meu irmão. Durante nossa vida destinou sempre os melhores alimentos, os melhores livros, as melhores roupas para o meu gêmeo, o que nasceu primeiro. Essa indiferença se estendeu aos meus filhos, sempre preteridos em favor dos filhos de meu irmão. E a minha dor, o hospital de azulejo azul e frio, a perda, em poucas horas, de minha filha, nada disso a trouxe para se redimir do descaso eterno, uma boca pequena me devorando a vida inteira, do amor que queria e nunca tive.

Deixei Ana repousada num canto do sofá. Aproximei-me da penteadeira, quando minha mãe se interpôs. Pedi a chave e ela disse que não tinha. Na caixa com gravuras indianas que havia na segunda gaveta ela guardou as coisas que não queria que eu pusesse os olhos. A súbita lembrança seria o destino de minhas mãos. Por isso, ela havia se antecipado e seguido antes para o quarto.

Tentei tirá-la da frente da gaveta, mas ela se agarrou com toda força nas extremidades do móvel. Gritava por socorro, e eu tentei abafar os gritos com minha mão. Puxei seus braços gordos, mas a minha fraqueza, planejada por ela, impedia de retirá-la dali. A imagem da minha pequena barriga quando estava grávida de Ana veio naquele instante. Como me senti bonita equilibrando minha barriga mínima! E se pudesse, mamãe, devolveria Ana para meu ventre quente, quente, e a carregaria para sempre neste corpo doente, só para não ter de a machucar pela chave de um túmulo.

Segurei-a pelo cabelo e o puxei até que deixasse a frente da penteadeira, o que me permitiu abrir a gaveta. Na mesma caixinha de gravuras indianas havia um único par de chaves, pequenas como a fechadura do ossuário. Mamãe segurava a cabeça com seu coque desfeito e chorava como eu gostaria que tivesse chorado no enterro da neta. Gritava que telefonaria para o meu irmão e contaria a violência que

## Relíquias

*Jádson Barros Neves*

*Mas eu sou um homem ainda.*

“O jantar”, Clarice Lispector

Haveria depois o perpetuar da lembrança, uma coagulação úmida no trêmulo resplendor da memória. E também, presa àquele dia, a intermitente recordação da mulher de meia-idade, com a sacola de compras, no rosto uma espécie de lástima, de doce náusea, quando viu, na parada de ônibus, o cego mastigando chiclete. E essa mulher, nauseada pela felicidade indiferente e solitária do cego, essa mulher e esse cego ele não veria nunca mais.

E Petrônio chegando turvo e cansado. E do calor, no fim daquela tarde que forjaria uma noite chuvosa, após dias e semanas de um forte estio, o sol em tudo e em todos; aquele dia bordado na forma do vapor escaldante, evoluindo para a trégua rendilhada de nuvens peregrinas e em seguida descendo na forma simples de uma chuva vertical e silenciosa quando fosse noite.

Porque a natureza real das coisas nas não-coisas terminava depois se aquietando em Petrônio, como cinza ou poeira antiga, sempre que ele atingia a intimidade morna de algo, o lado serviçal de um objeto, por exemplo, como o real valor de uma cadeira vazia num ônibus lotado ou o desenho do voo curto e evanescente de uma pomba.

E aquele que seria o último a vir chegou ao restaurante, nessa noite de sexta-feira, perto das nove horas. Seria também o último a ver Petrônio, como um vulto opaco através da água dos olhos cansados, quando o lugar não fosse mais o lugar e Petrônio não fosse mais Petrônio.